



Editorial

Fátima Regina Almeida de Freitas¹

Luana Campos²

Antônio Augusto Oliveira Gonçalves³

Bruno dos Santos Hammes⁴

Joana Sirley da Costa Porto⁵

Ordália Cristina Gonçalves Araújo⁶

Patrícia Marcelina Loures⁷

Nessa edição da Semana dos Povos Indígenas da PUC-GO de 2022, os trabalhos apresentados nas comunicações orais foram divididos em dois eixos. Um com enfoque nas distintas formas de violência contra os povos indígenas tais como: as tentativas de controle e uso das terras demarcadas por grandes empreendimentos, os encarceramentos indígenas efetuados pelo Estado e a análise da violência contra os povos originários na história. O segundo eixo versa sobre as possibilidades de inclusão das literaturas indígenas no ensino básico e os desafios da educação escolar indígena diferenciada no contexto atual.

No resumo “O controle sobre as terras indígenas em uma perspectiva histórica: a luta por visibilidade, autonomia e direito de consulta no Brasil” buscou-se analisar que o uso da terra indígena por não indígenas, para ser legítimo, precisa contar com a participação dos povos

¹ Mestra e doutoranda em antropologia social/UFG. Cientista social e pedagoga. Professora na PUC Goiás e coordenadora do Proafro, Programa de Estudos e Extensão Afro-brasileiro. E-mail: fatimareginaalmeida@gmail.com

² Doutora em Quaternário, Materiais e Culturas pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Portugal. Professora de História da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: lcampos.ms@gmail.com

³ Doutor em Antropologia Social pela UFG. Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail: antonioaugusto.sociais@hotmail.com

⁴ Mestre e doutorando em Antropologia Social pelo PPGAS – UFG Bolsista FAPEG, Professor Substituto da UFNT. E-mail: brunohammes@hotmail.com

⁵ Doutoranda em Antropologia Social. Indígena Tabajara - Tapuí do Piauí. E-mail: joanasirley@gmail.com

⁶ Doutora em História. Professora da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: odalia.araujo@ueg.br

⁷ Mestra em educação. Professora da Rede pública de ensino de Goiás. Professora do curso de Pedagogia PUC Goiás. Email: patricia.gtepecpucgo@gmail.com



indígenas. Para tanto, partiu de uma abordagem qualitativa pautada na leitura de legislações, doutrinas, relatório técnico por instituto de pesquisa governamental, além de artigos relacionados à temática. Entre as análises do trabalho apresentado, a autora, Nayara Gonçalves, assinala: Assim, a narrativa oficial sempre se apoiou na ideia que existia uma incapacidade dos indígenas tomarem decisões e escolhas, de modo que se fizesse necessária seria a atuação estatal para garantir sua “proteção e bem-estar”. Havendo sempre uma justificativa para o Estado exercer legitimamente o seu controle sobre os territórios indígenas (GONÇALVES, 2022).

Quanto ao resumo “Breves reflexões sobre a situação dos indígenas no sistema penitenciário do Brasil: criminalização e invisibilidade em Roraima e no Mato Grosso do Sul”, a autora, Diene Batista dos Santos, buscou refletir a situação dos indígenas no sistema penitenciário no Brasil, especialmente nos estados de Mato Grosso do Sul e de Roraima através da comparação dos dados disponíveis nos órgãos do sistema de Justiça com a revisão bibliográfica, chegando a conclusão que, além do déficit de dados sobre esses encarceramentos, “há uma invisibilidade no sistema de justiça criminal que: é, forçosamente, o desenho de um projeto do racismo estrutural que apaga a diversidade étnica” (SANTOS, 2022).

No trabalho sobre “A origem histórica da violência contra os povos indígenas” buscou-se apresentar recortes diacrônicos que demonstre a origem da violência contra os povos indígenas através de conceitos relacionados à colonialidade, decolonialidade, imperialismo e racismo a partir de uma revisão bibliográfica, concluindo-se que: a violência para com as comunidades indígenas em solo americano apresentava características múltiplas principalmente no início da colonização, e que ao decorrer da história ocorreu uma metamorfose no caráter brutal da dominação onde a permissividade cedeu palco para a negação de tais atos e consequentemente sua perpetuação. (DOS SANTOS et. al, 2022).



No segundo eixo, o resumo “Educação em Contexto Pandêmico: um relato de práticas e abordagem da literatura indígena no ensino fundamental”, a/os licencianda/os Ana Karolyne Oliveira Sousa e Fabio Francisco Castro Silva, detalham também as etapas que foram realizadas para que as literaturas indígenas chegassem às escolas, mesmo diante do contexto pandêmico. Segundo ela/es, este trabalho envolveu “estudos e discussões de materiais teóricos, elaboração de atividades pedagógicas e, por fim, a regência das aulas, com a realização de encontros online e híbrida” (Sousa et al, 2022). A partir do trabalho conjunto da docente e da/os discentes podemos refletir sobre as possibilidades de ensino de literaturas indígenas no ensino básico e sobre a urgência de que a diversidade cultural esteja cada vez mais presente no cotidiano escolar. Foi destacado ainda que mesmo no período pandêmico houve a possibilidade de viabilizar o trabalho com a literatura indígena, sendo esta vista como uma rica possibilidade pedagógica.

Também foram apresentados relatos de experiência oriundos da práxis de docentes da educação básica no trabalho didático-pedagógico em torno da temática indígena. Três deles versaram sobre a literatura e mais especificamente, sobre a literatura indígena.

Lílian sussuarana Pereira, Professora de Língua Portuguesa na Escola Municipal Frei Demétrio Zanqueta, em Goiânia-GO, apresentou o relato “Quando tudo começou: uma justificativa de um pensar e repensar na prática em sala de aula” partindo do entendimento de que, embora o ensino concernente aos povos indígenas seja feito mediante as orientações prescritas pelos documentos curriculares oficiais, muitas vezes ele ocorre de “maneira mecanicista”. Por isso, é preciso “conhecer, entender, estudar e aprofundar nossos conhecimentos a esse respeito” no intuito de “entendermos a construção identitária de nossa sociedade brasileira” (PEREIRA, 2022).



Com o relato “Breves reflexões em torno das literaturas indígenas: usos éticos na escola” Samuel Caetano Costa Pereira trabalhou junto ao “objetivo geral de tecer reflexões sobre os indígenas”, os “seguintes objetivos específicos: (i) problematizar e desconstruir pré-conceitos relativos aos povos indígenas; (ii) refletir sobre o papel da transmissão oral dos povos tradicionais e seu amplo uso de mitos, lendas e poemas; (iii) estabelecer comparações entre os povos indígenas e a nossa sociedade ocidentalizada com ênfase nas formas nativas de pedagogia” (PEREIRA, 2022). Professor na Rede Municipal de Educação (RME), é licenciado em Letras (Português) pela Universidade Federal de Goiás (UFG), com outras formações em andamento, dentre elas na área de História e Letras no âmbito da graduação e pós-graduação lato e stricto sensu.

Rosivânia dos Santos, professora nos Colégios Estadual Castro Alves e Municipal de Adustina-BA e mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe apresentou o relato “A literatura indígena feminina em sala de aula” com o objetivo de “abordar a poética indígena de autoria feminina, oportunizando ao público-alvo [ensino fundamental anos finais] conhecer as diversidades culturais que compõem as identidades dos brasileiros, pensando-se como um sujeito envolvido nesse processo de construção identitária, bem como desfazer as caricaturas no que diz respeito aos indígenas, mediante suas epistemes, que foram negadas, silenciadas e desrespeitadas ao longo dos tempos” (SANTOS, 2022).

No âmbito das outras temáticas, mas com estreita ligação com o anterior, Thelma Lima da Cunha Ramos, doutoranda em Educação na Amazônia pelo Programa Rede Educanorte, Polo Universidade Federal do Amazonas e professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia/Campus Salvador-BA, apresentou o relato “Educação para a diversidade étnico-cultural indígena” com vistas a “favorecer o reconhecimento, valorização e afirmação da diversidade étnico-cultural indígena na educação com uso das tecnologias digitais



contribuindo para rupturas das imagens estereotipadas do indígena na escola através da implementação da Lei 11.645/2008” (RAMOS, 2022).

Para além da literatura, Ronan dos Santos Queiroz, professor da Escola Municipal Santo Antônio de Goiânia-GO, na disciplina de História, apresentou o relato “Não somos invisíveis: uma proposta de intervenção pedagógica e de revisão curricular sobre a história e cultura indígena na E. M. Santo Antônio”. Seu objetivo foi “fazer uma análise do livro didático adotado na E. M. Santo Antônio e propor ações pedagógicas e curriculares que possam incluir essa temática no processo de ensino aprendizagem dos estudantes dessa unidade de ensino” (QUEIROZ, 2022,).

Por fim, Silvio Ricardo Carvalho apresentou o relato “Descobertas e possibilidades quanto a povos nativos em Quirinópolis”, a partir da ‘aculturação’, ‘assimilação’ e ‘transculturação’: visita aos vestígios de povos originários na fazenda Sete Lagoas Córrego Bonito e apresentação dos resultados” (CARVALHO, 2022). Professor da escola Municipal em João Antônio Barbosa, Quirinópolis-GO, licenciado em Geografia e pós graduado em Cultura, diversidade e meio ambiente pela UEG-Campus Sudoeste-sede Quirinópolis, ele buscou possibilidades de trabalho didático pedagógico a partir das considerações teóricas do livro “A temática indígena na escola: subsídios para os professores”, de autoria de Pedro Paulo Funari e Ana Pinón (2011), refletindo sobre a “descoberta de um possível sítio com vestígios indígenas” na sua região, fato considerado por ele como “imensurável”.

Com tais relatos de experiência, percebe-se a diversidade de temáticas em torno das histórias e culturas indígenas trabalhadas pelos/as docentes na educação básica a partir de distintas possibilidades (literatura, tecnologias digitais, livro didático, sítio arqueológico), mas também aponta para o déficit ainda considerável de conhecimentos, práticas e materiais didáticos-pedagógicos produzido com a finalidade de atender às demandas do ensino básico.



Uma lacuna que essa edição da Semana dos Povos Indígenas PUC-Goiás 2022 buscou suprir por meio da partilha de experiências e reflexões de todos/as.

Referências

BRASIL. Ministério de Educação. Lei nº 11.645/2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm Acesso em: 19 de abril de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 19 de abril de 2022.

CARVALHO, Silvio Ricardo. Descobertas e possibilidades quanto a povos nativos em Quirinópolis, a partir da “aculturação”, “assimilação” e “transculturação”: visita aos vestígios de povos originários na fazenda Sete Lagoas, Córrego Bonito e apresentação dos resultados. *In. Semana dos Povos Indígenas – SPI “Políticas Públicas, Violência e Protagonismo Indígena”, v. 1 n. 1, Goiás: UEG, 2022. p. 85 – 97*

GONÇALVES, Naiara Augusta. O controle sobre as terras indígenas em uma perspectiva histórica: a luta por visibilidade, autonomia e direito de consulta no Brasil. *In. Semana dos Povos Indígenas – SPI “Políticas Públicas, Violência e Protagonismo Indígena”, v. 1 n. 1, Goiás: UEG, 2022. p. 8-14.*

PEREIRA, LÍlian sussuarana. Quando tudo começou: uma justificativa de um pensar e repensar na prática em sala de aula. *In. Semana dos Povos Indígenas – SPI “Políticas Públicas, Violência e Protagonismo Indígena”, v. 1 n. 1, Goiás: UEG, 2022. p. 27 - 31*

PEREIRA, Samuel Caetano Costa. Breves reflexões em torno das literaturas indígenas: usos éticos na escola. *In. Semana dos Povos Indígenas – SPI “Políticas Públicas, Violência e Protagonismo Indígena”, v. 1 n. 1, Goiás: UEG, 2022. p. 32 – 39.*



QUEIROZ, Ronan dos Santos. Não somos invisíveis: uma proposta de intervenção pedagógica e de revisão curricular sobre a história e cultura indígena na E. M. Santo Antônio.

*In. Semana dos Povos Indígenas – SPI “Políticas Públicas, Violência e Protagonismo Indígena”,*v. 1 n. 1, Goiás: UEG, 2022. p. 78 – 84.

RAMOS, Thelma Lima da Cunha. Educação para a diversidade étnico-cultural indígena. *In. Semana dos Povos Indígenas – SPI “Políticas Públicas, Violência e Protagonismo Indígena”,*v. 1 n. 1, Goiás: UEG, 2022. p. 73 – 77.

SANTOS, Claudimar R. S. dos; RODRIGUES, Luana A. S.; COSTA, Leandra M. da. A origem histórica da violência contra os povos indígenas. *In. Semana dos Povos Indígenas – SPI “Políticas Públicas, Violência e Protagonismo Indígena”,*v. 1 n. 1, Goiás: UEG, 2022. p.20 – 22.

SANTOS, Diene Batista dos. Breves reflexões sobre a situação dos indígenas no sistema penitenciário do Brasil: criminalização e invisibilidade em Roraima e no Mato Grosso do Sul. *In. Semana dos Povos Indígenas – SPI “Políticas Públicas, Violência e Protagonismo Indígena”,*v. 1 n. 1, Goiás: UEG, 2022. p.15-19.

SOUSA, Ana Karolyne Oliveira; SILVA, Fabio Francisco Castro; COSTA, Walquiria Lima da. Educação em Contexto Pandêmico: um relato de práticas e abordagem da literatura indígena no ensino fundamental. *In. Semana dos Povos Indígenas – SPI “Políticas Públicas, Violência e Protagonismo Indígena”,*v. 1 n. 1, Goiás: UEG, 2022. p. 23 – 26.

SANTOS, Rosivânia dos. A literatura indígena feminina em sala de aula. *In. Semana dos Povos Indígenas – SPI “Políticas Públicas, Violência e Protagonismo Indígena”,*v. 1 n. 1, Goiás: UEG, 2022. p. 40 – 72.

.